



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 23, v. 1
nov.-dez.2025
p. 07-20

Habitar o meio

(Inhabit the surroundings)

(Habitar el médio)

Tainá Maívys da Silva Santiago¹

RESUMO: Neste ensaio apresento uma partícula de um processo de pesquisa que desenvolvo na vida, na universidade e na arte. Não precisaríamos compartimentar estes espaços a depender do local onde nos entendemos gentes ou agentes, mas, aqui são necessárias algumas explicações preliminares. Escrevo na primeira pessoa propositalmente, o ensaio buscará construir uma relação íntima com você para viajar até minha terra natal. Produzindo textura, cores, riscos, através de desenhos e imagens fotográficas, este ensaio é uma performance. Aqui experimento novas palavras para friccionar conceitos, para tecer no corpo e na experiência do pensamento uma ciência coerente com o processo de criação de todos os seres vivos, inclusive este ser que vos fala.

PALAVRAS-CHAVE: local, performance, corpo, (re)existências.

Abstract: In this essay I present a particle of a research process that I develop in life, at university and in art. We would not need to compartmentalize these spaces depending on where we understand ourselves as people or agents, but some preliminary explanations are necessary here. I write in the personal first person on purpose, the essay will seek to build an intimate relationship with you to travel to my homeland. Producing texture, colors, lines through drawings and photographic images, this essay is a performance. Here I experiment with new words to interact with concepts, to weave in the body and in the experience of thought a science coherent with the process of creation of all living beings, including this being that speaks to you.

Keywords: place, performance, body, (re)existences.

Resumen: En este ensayo presento una partícula de un proceso de investigación que desarrollo en la vida, en la universidad y en el arte. No necesitaríamos compartimentar estos espacios dependiendo de dónde nos entendamos a nosotros mismos como personas o agentes, pero aquí son necesarias algunas explicaciones preliminares. Escribo en primera persona personal a propósito, el ensayo buscará construir una relación íntima contigo para viajar a mi tierra natal. Produciendo texturas, colores, líneas a través de dibujos e imágenes fotográficas, este ensayo es una performance. Aquí experimento con nuevas palabras para interactuar con conceptos, para tejer en el cuerpo y en la experiencia del pensamiento una ciencia coherente con el proceso de creación de todos los seres vivos, incluido este ser que te habla.

Palabras claves: lugar, performance, cuerpo, (re)existencias.

¹ Doutoranda em Estudos Contemporâneos das Artes no PPGCA – UFF, é mestre em História Social da Cultura Regional pelo PPGH – UFRPE e especialista em gênero e sexualidade. Também é produtora cultural e altera realidades a partir da Zona da Mata em Pernambuco. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. tainamaivys@gmail.com ORCID: 0000-0001-5083-6170



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 30/06/2024
Aceito em 09/10/2025

I Fim

Há 8 anos (texto que publiquei no Tumblr)

2013 ela pediu pra eu parar de escrever, lhe dei meus diários. meu ex grande amor me pediu para me vestir melhor, eu fiz isso e muito mais. meus pais queriam que eu me formasse, e agora eu estou no mestrado. um disse pra eu ser mais feliz, estou tentando. eu preciso falar menos e pensar mais. todo mundo disse que eu não preciso entender as coisas. talvez eu tenha que somente ir vivendo sem tentar tocar em tudo o que me cerca. parece que se eu puxar o ar de mais vou sufocar até morrer

até quando vou aguentar amar tanto vocês e viver de uma forma tão absurda que nunca chega à compreensão de nada

eu não sei exatamente o que eu quero e acho que é normal. eu quero continuar sem saber. e somente sentir o calor das coisas no meu corpo. e somente sentir o vento até sê-lo. mas se posso pedir algo...

por favor por favor fiquem aqui calados

não peçam nada de mim. me aceitem ou silenciosamente despeçam-se. aceitem minha loucura.

eu preciso ser e estar onde eu sinto.
ou tchau

Figura 1: Foto-Performance na Pedra do Arroz/Pimenta em Jussaral (PE), meados de 2016.



Registrado por: @corpasollar_ e postado no Instagram @tainamaivys



Esse corpo na imagem fotografado por uma “Canon T3” é o conjunto de células que chamo “e/u”, mas, em um tempo passado. Portanto, já não é mais o mesmo corpo, certo? Sem abstrair demais, quero dizer que esse corpo atômico carrega para conter sua força uma nutrição primeiramente “matrilinear”¹ através do contato com um tempo distante pela linhagem de úteros, ovários, células que produziram esse mistério da geração da vida que chamamos “humana”². M(eu) corpo é a continuidade de uma mudança não simplesmente fenotípica, em termos “médicos”, não simplesmente ancestral, em termos “espirituais”. M(eu) corpo é a continuidade da mudança do meio. A nutrição que sustém a vida humana desse ser, eu, vem de uma variedade de elementos que irei chamar aqui apenas de “terra” (Atenta para o pensamento de que por “terra” compreendemos uma variedade de elementos essenciais a “vida”).

Nesse meu corpo, marrom, continuam os meus descendentes a caminhar aqui³. E continuamos a caminhar no meio. Fazendo o meio caminhar em nós. Mas minha intenção agora é também quebrar essa lógica “minha”, de que há um “eu”, por isso rasuro: e/u, como faz em alguns textos (também) a Abigail C. Leal.

Vertical, fora do centro do quadrado, a imagem fotografada do corpo humano compõe um dos elementos da cena, dividindo a janela com o meio (ambiente): morros descampados em preparos após queimada para receber mais uma remessa de cana-de-açúcar, riscada, a terra expõe linhas geométricas, curvilíneas, como se os agricultores tivessem aprendido a pintar uma tela no espaço.

Em confronto com a geometria da monocultura cresce desordenadamente estufas contidas de Mata. O que restou ou que cresceu depois? Provavelmente, cresceu depois. Pois é comum mudarem as Matas de lugar como se estivessem enfeitando um espaço civil, civilizadamente, como se impunha a “ordem” nos jardins das realezas hereditárias das Metrôpoles europeias. A Mata, espaço de biodiversos seres não sabe escrever, não se declinou a doutrinação dos lugares, então, contém sua força debaixo da terra nesses pequenos espaçamentos, observando uma espécie de gramíneas perenes altas (a asiática *cana-de-açúcar*, em diáspora) crescerem enfileiradas em todos os morros e encostas, até serem cortadas, suas folhas varrem o chão, secam, queimadas, o solo seco (cada vez mais deteriorado) descansa, e o ritual se repete. Há quanto tempo?

Há ainda outros elementos que podem ser trabalhados nessa performance-foto:

1) as estradas demarcando os caminhos humanos. Na imagem, não há outros humanos perceptíveis, mesmo assim veem-se suas presenças. Antes numerosa pelo trabalho manual sem máquinas, depois, sazonalmente, as pessoas se deslocavam para o trabalho nos engenhos. Terra de usineiro: Goiana, Cabo de Santo Agostinho, Vitória de Santo Antão e Ipojuca. Uma flecha corta a



“Zona da Mata”. Cínicos. Deveria se chamar “Zona da Cana”. E ainda que chamemos terra “de” usineiro, sabemos bem que a Mata dividia espaço com habitações humanas (mocambos, vilas, etc.).

Pessoas de todas as idades, gêneros e outros demarcadores sociais, desesperadas por empregos, por vida, por nutrição, migram estrada de terra acima e abaixo. Por anos, décadas, por séculos! É uma permanência para os despossuídos: há sempre o deslocamento. A Mata diminui, a presença humana se dilui disputando espaço com as máquinas e as novas formas de precarização. A *Plantation* segue latente.

II Meio

O 2) elemento ainda na foto-performance é a Pedra do arroz, rocha de 420 metros sobre a qual caminhei até ir para a posição da foto. Pela composição da primeira camada na imagem pode-se perceber que há uma declinação até o ponto onde estou, me equilibrando sob uma pedra com medo do decline às minhas costas.

A Pedra é um local encantado. Um monumento natural que permanece majestoso acima de quilômetros de monocultura de cana-de-açúcar. Foi aos seus pés que eu cresci. Foi ali que minha mãe e os seus irmãos e irmãs cresceram. Testemunha ocular de histórias centenárias: pode ter sido um ponto de referência para os povos nômades que se deslocavam na Mata Atlântica que ali existiu. Traz em si riscos não estudados, ocas e cortes por onde escoam água. A Pedra rondou o imaginário da minha família e a de muitos que contavam histórias de reis e rainhas que habitam o interior do monumento.

Localizada em Jussaral (distrito do Cabo de Santo Agostinho – PE), hoje um arruado recente que surge da distribuição de lotes para os trabalhadores das usinas açucareiras, a Pedra viu o fogo subir e destruir tudo várias e várias vezes. Viu as Matas mudarem de lugar, os rios sumirem, os aglomerados de gente desaparecerem e (re)aparecerem. O que mais a Pedra viu? E o que nós, humanos, vimos acontecer em torno da Pedra?

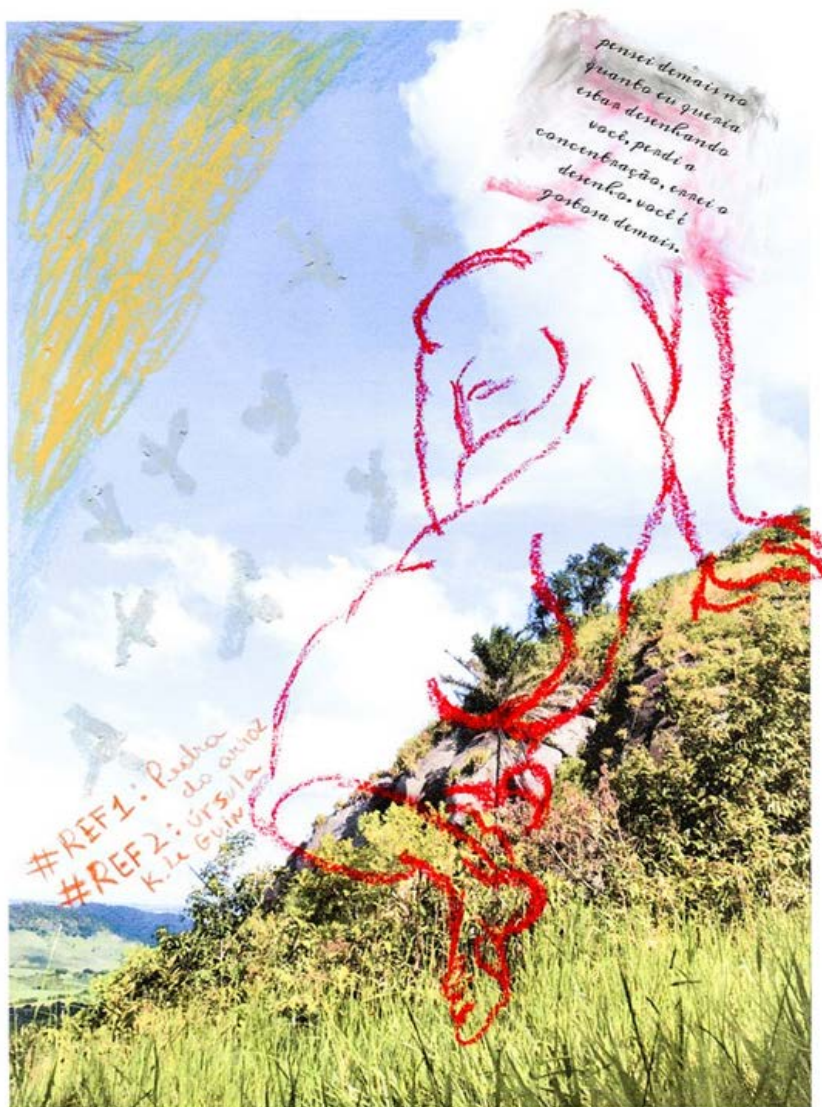
Certa vez, criança, segui o meu avô pela Pedra e confrontei pela primeira vez uma Mata fechada quando pulei para segui-lo em uma trilha. Não conseguindo vê-lo mais, apenas ouvi a Mata me mandar voltar e voltei. Até esse dia e por muito tempo depois, só o que existia na minha imaginação era a cana: mar verde-limão que beija os pés da Pedra e se alastra até o litoral. A Mata habitava apenas os pequenos lotes cá ou acolá, onde meu avô e outros homens iam para buscar lenha, sempre aconselhando as crianças a não irem sozinhas... Contando lendas, histórias e mistérios sobre a Mata e os habitantes de acolá.



Hoje, eu e outras crianças da época ansiamos em devolver à Mata ao mundo.

Estamos fazendo isso inicialmente pela imaginação – é o que tenho chamado de *Artesania*⁴. É um tipo de *saber-fazer*, uma intuição teórica que pega na cabeça e vai tomando corpo em processos criativos ligados ao coração/memória. Essa foto-performance compõe o meu acervo, entre escritos, muitos e muitos escritos, de raiva, dor, de alucinação, angústias. De “amor” da forma mais colonial possível: Amor de Senhor, de engenharias, de “amo”, de servir, de abdicar o meu corpo, minha alma e ideias a um “outro” inalcançável. Pois a promessa colônia nunca irá se cumprir: não existe “progresso”, não estamos “evoluindo”, não há um “ideal” a ser alcançado. É assim que percebo que o meio sou eu. “Eu” sou.

Figura 2: *Pedra-Corpo* (estudos), 2022, Cera à óleo sob impressão no papel A4.



Essa Fig. 2 expõe uma outra perspectiva da Pedra do Arroz, onde eu realizei a performance fotográfica. Nessa imagem agora começo a trazer elementos da minha imaginação para compor o “meio” cansado da exploração violenta, continuando a insistir no corpo humano enquanto o elemento a ser des/naturalizado, contraditoriamente, pela ambientação com os aspectos “reais” que compõe a sua vitalidade. Quer dizer, não consigo me desvencilhar da possibilidade de não entender o significado da “vida” sem estar em articulação com uma (bio)diversidade. Estou construindo ao longo dessa existência a consciência de ser *múltipla*.

Para chegar nesse emaranhamento, sim, há uma monocultura interior que precisamos queimar em nossas mentes/corações/almas/memórias primeiro:

As monoculturas da mente fazem a diversidade desaparecer da percepção e, conseqüentemente, do mundo. O desaparecimento da diversidade corresponde ao desaparecimento das alternativas – e leva à síndrome FALAL (Falta de alternativas). Com frequência, nos tempos de hoje, o extermínio completo da natureza, tecnologia, comunidades e até de uma civilização inteira não é justificado pela “falta de alternativas”? As alternativas existem, sim, mas foram excluídas. Sua inclusão requer um contexto de diversidade. Adotar a diversidade como uma forma de pensar, como um contexto de ação, permite o surgimento de muitas opções. (Vandana, 2003, p. 15)

O fatalismo, a “falta de opções”, ou, mesmo a insistência em uma única origem, repetem padrões coloniais, por isso, quero chamar o movimento atual de pensar através da mesma matriz operante de *neocolônia*. Mas, sendo justa, o esquecimento biodiverso é também um complexo que trabalha na própria submissão ao conjunto de conhecimentos adquiridos em nome da sobrevivência imediata do corpo.

Por isso não questiono quando minha avó rechaça a partida para o mundo das minhas primas mais novas, meninas e pessoas que rejeitam os estereótipos binários do *cistema* gênero-sexo, com suas *corpas* livres. Livres a partir do que há de mais cruel no ideal colonial de “liberdade”, ou seja, nascemos “livres” das estruturas patriarcais que minha avó e suas filhas conheceram como verdade, mas essa liberdade não significou a perpetuação do tão falado “amor”, fundamental para condicionar a prática familiar a partir dos ideais burgueses.

Então, não conhecemos a rigidez de uma estrutura parental centralizada na figura masculina, que, inclusive, contrabandeava as próprias filhas para negociar a sobrevivência do coletivo, a continuidade da prole, a manutenção do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças. Tivemos, pelo menos, acesso à produção do discurso que nos possibilitou a revolta (embora o sofrimento de nossas mães e avós perturbem nosso sono). Mas, essa “liberdade” implicou ainda a inexistência de afetos simples, compaixão “amorosa” dentro da parentalidade, simplesmente, espaços de encontros despudorados e resilientes.

Ou seja, o “amor” nos foi transmitido exatamente como ele é nos aspectos da produção



eurocêntrica em que o conceito emerge: um ensaio ao pudor, à rigidez dos corpos, o constante medo da violência e do abandono. Aprender a manusear a precariedade para ter momentos de alegria sem dúvida é o que nos mantém aqui. Nós, eu, o meio: nutridos e pulsando.

A relação do “amor” com as geometrias dos espaços faz parte da relação *Pedra-Corpo* que imagino na Fig. 2. Quase não conseguimos desenhar novas formas de relações pela mesma dificuldade motriz em não conseguirmos visualizar diferentes formações espaciais, biodiversas, ou seja, pode ter haver com nossa dificuldade em entender o que há da Pedra do Arroz/Pimenta em nós que crescemos nos relacionando com ela. Assim como há uma aparente dificuldade em entender as Cidades como locais constituídos de Pedras (minerais) e outros derivados de matérias elementares⁵, que, em sua maioria, estão em disputa constante.

Esse processo de aniquilação das formas de ser “meio” pela aceitação de “uma forma universal de ser” que centraliza em um ‘ideal’ sobre o que é o ser humano (desconectado do meio), parece algo viável para se estabelecer uma conduta de poder perpétuo. Uma forma de gerir a vida total configurando uma dinâmica de sustentabilidade em que alguns ‘sustentam outros’.

Há sempre uma “terra” de onde nos nutrimos, através do trabalho na terra (feito por *alguns*), de onde somos tirados, deslocados constantemente para (re)iniciar uma política de sobrevivência que se adapte a uma outra forma de ser. Pouco a pouco esquecemos como a própria “terra” é, mesmo que ela seja relativamente parecida em qualquer lugar do Planeta.

Talvez eu possa trazer Lauren⁶ para o ensaio e dizer que além de produzir novas maneiras de nos relacionar e cuidar (seres vivos) também “teremos que tomar cuidado com a forma como as nossas necessidades nos moldam” (Butler, 2018, p. 277) e lutar por um Destino, neste planeta ou entre as estrelas!



III Começo

Figura 3: Luz Negra no fim da Mata, Cera à óleo sob papel A3, 2023



Experimentar memórias visuais no papel foi algo que em terapia foi muito incentivado, pois a minha imaginação já é bastante visual e, apesar disso, há imagens que eu não consigo construir pois não consigo entendê-las ainda. Estou conjecturando hipóteses de aceitar as não-imagens, o não-imaginado, aquilo que habita fora do alcance humano. Para isso, elementos da espiritualidade, da física e da vida em si estão participando das minhas experimentações.

A ideia de Luz Negra não vem da Denise Ferreira, embora seu trabalho nesse sentido tenha chegado até mim com naturalidade. A ideia vem um pouco do Stephen Hawking e seu trabalho “Uma breve história do tempo” (1988), misturas de Úrsula K. Le Guin e Octavia Butler, em suas ficções especulativas que tornam possível imaginar também o espaço extraterrestre como uma possibilidade de habitar o “meio”. E, com amargor admito que vem também, um pouco, do meu estudo sobre o artista plástico Francisco Brennand⁷.

Na minha tentativa em explicar as “cores” e as representações que elas provocam no nosso imaginário, para conseguir construir um sentido dos elementos das cores nas construções do “feminino” nas pinturas de Brennand, me perdi em tantos sentidos abstratos e percebi que surgiam novas visões da dimensão do preto em suas relações com a luz. Na incidência da luz, na capacidade de perceber as cores, a dimensão da luz negra é um paradoxo crível, um pressentimento futurístico para mim, enquanto artista e pesquisadore das artes.



Nessa dimensão comecei a imaginar a Mata que habita por debaixo das terras deterioradas das zonas canavieiras de Pernambuco. E a trabalhar na dimensão da escrita em busca dos sentidos infantis ainda presentes em mim:

1) Piiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii
 Por onde voam as cigarras das 17 horas?
 Que cantavam certeiras
 Soando o alarme vespertino...
 Vem chegando o sereno, menina
 É hora do banho,
 Do leite e da manha.
 Lembrança tem cheiro de mainha
 E gosto de suor e barro.

 Na puberdade eu fedia muito
 E ouvi o tal do “cheiro de nêgo”, “cheiro de macaco”, algumas vezes.
 Se eu ouvi, imagino os meus tios pretos.
 Imagino meu avô.
 Imagino minha bisa. Preta velha.
 Rara feito diamante bruto.

 Eu tenho sonhado com seu nome...
 Ele quase me vem na ponta da língua...
 E some.

2) *Engolir o choro*
 Engolir. Engula.
 Sei o quanto dói, ainda, crianças.
 Quando menina mainha dizia: engula!
 Era pra mim
 Era pra ela
 Era vovó presente na cena.
 Ninguém cuidou
 Ninguém
 Amou ninguém
 Mas todo mundo engoliu
 Essa água tão feminil
 Essa falta
 Essa dissolução sutil.

(Os dois poemas foram escritos em setembro de 2023)

O interessante é que, além desses pequenos sons que eu não saberia explicar a construção “lógica”, também estou experimentando a construção desse ensaio (um gênero novo pra mim) e trabalhando na construção de novas ideias performáticas, curatoriais e fictícias. Ficções porque não quero trabalhar na ideia de que o real é o aceitável cientificamente, justamente para não deixar escapar o mistério. O mistério é a Mata, é a herança da Mata, do “meio”, dos meus ancestrs em suas múltiplas cores e formas de relação. É, portanto, ainda e por enquanto, um diálogo com o passado. Uma lição de historicidade.

Pois certa vez, internada no hospital público, Vovó me confidenciou segredos que nunca mais repetiu. Eu inqueri que ninguém sabia daquelas coisas quando comentei com mainha, acreditando que ela já sabia, mas percebi atônita uma indignação com o passado: “isso não aconteceu!”



A família de Mainha, que é minha portanto, é uma família de muitos olhares e interpretações. Há muitos narradores natos, artistas performáticos, doutores em ciências antigas e mestres em reprimir emoções. Aprendo a perceber este como o meu primeiro espaço de aprendizagem: ao longo de anos eu precisei aprender o misterioso ato de conviver em meio a dores, violências e um estranhamento profundo entre nós.

Vamos supor que a minha História oficial começou nesse casal de dois: meus avós maternos. Na semana passada⁸ Vovó me mandou uma mensagem em áudio: “(...) Deus abençoe seus estudos. Tire você de tudo quanto for ruim! Tenha cuidado na vida. E a vida é assim: a vida separa a gente, depois junta de novo!” (Vovó, 2023).

Recebi essa mensagem em meio a crises em relação a minha identidade “racial”, e também de gênero (aspectos que se deterioram ainda mais nas relações de classe social), coisas que eu venho desconstruindo e construindo por toda vida. E agora, voltei a ter inflexões sobre as origens indígenas de Vovó. Já tentei algumas vezes construir uma árvore genealógica, ir em registros antigos, visitar cidades, refazer o mapa dos deslocamentos da sua família. Porém, depois dessa mensagem eu sonhei com meu Bisavó.

(Essa parte do texto poderia ser bastante enriquecedora para os antropólogos dos sonhos, se eu pudesse descrevê-los. Mas eu não posso, não lembro do sonho “racionalmente”. Me vem apenas a sensação do todo. A completude do sonho, ou seja, o motivo do sonho ter existido. *E eu respeito religiosamente o que diz meu inconsciente – e as vontades do meu bisavó.*)

Corre a lenda que meu Biso viveu para os lados da Alagoas, com o pai e o irmão, em bando, com outros homens mais... Antes dele vir fazer estadia em Pernambuco, onde abandonou minha Bisa com os filhos em uma estação de trem e sumiu no mundo. Vovó conta que o pai ia e vinha... ia e vinha... até que um dia decidiu vim e ficar. Apesar disso, ela fala com amor e devoção a respeito dessa figura paterna. Diz “Meu pai era lindo!”. Ele gostava de cultivar plantas e era devoto de Padre Cícero. Contava para os filhos causos do velho Padre... Como o dia que todos viram o padre/santo flutuar no meio de uma procissão. Posso afirmar, portanto, que meu bisavó era um contador de histórias nato! E encantador de sonhos. Além de errante... migrante sertanejo.

Eu não o conheci. E quando pequena e perguntei a Bisavó como ele era, ela caiu no choro e me contou estridentes que o danado prometeu que ela nunca mais o veria (nem em sonhos!) depois que ele morresse. Pois então, o meu biso cuidou da sua imagem, da sua cara; o meu biso cuidou da sua história, da sua origem; O meu biso não quer que eu assumo pra mim uma cara que não é a *minha* cara. O meu biso, então, deixou pra mim sua não-imagem, sua não-história, sua não-presença.



Então, que cara é a minha? Qual narrativa vou assumir nessa disputa pelos espólios *neocoloniais*?

Para não parecer que essa ciência parental vem de costumes só nossos, os “Félix da Silva”, é necessário perceber que a artesanania que remendo em torno do mim dialoga com o próprio meio onde transitamos errantes. Um olhar novo que subtraía os parâmetros coloniais do sentido de espaço, terra e território, e que perceba também os corpos errantes enquanto terras invadidas, saqueadas, raízes que ramificam fora do solo... Porque foram arrancadas, derrubadas como um Pau-de-ferro que certa vez eu encontrei em uma Mata antiga. Mesmo derrubada pela raiz... O Pau-de-ferro não apenas “resistiu”, mas se ramificou interagindo em uma biodiversidade que conjuntamente apoiou seu viver.

Me emociono ao pensar que a minha escrita está encontrando seu caminho e transmutando... De alguma forma erótica, nesse texto me relaciono com Gloria Anzaldúa e suspiro visualizando nosso encontro de errantes:

Nós sabíamos que éramos diferentes, que fomos separadas, exiladas daquilo o que é considerado “normal”, certo-branco. E no que internalizamos esse exílio, nós chegamos a ver o alien dentro de nós e tantas vezes, como resultado, nós nos separamos de nós mesmas e umas das outras. Desde então estivemos sempre em busca daquele eu, aquela outra, e de outras de nós. E nós voltamos, em espirais cada vez mais amplas, e nunca ao mesmo local de infância onde isso aconteceu, primeiro em nossas famílias, com nossas mães, com nossos pais. A escrita é uma ferramenta para adentrar esse mistério, mas também nos protege, nos dá uma margem de distância, nos ajuda a sobreviver. (Anzaldúa, 2009, p. 53)

Tenho dificuldades de construir um mapa genealógico que vá ao cerne das violências parentais. Não quero! Recuso. Comecei a fazer para mim uma outra lógica parental nas minhas vivências afetivas, sexuais, profissionais. Tenho tentando outros planos, outros caminhos... E nessas errâncias conheci outros errantes, no interior de Pernambuco, Vitória de Santo Antão; lá somos muitos errantes, errando, espiralar, brancos, pretos, marrons, beges, indígenas, indígenas de todas as cores, mamelucos, cabocos, cabocas, morenas, morenos. Fomos nomeados e nunca cogitamos nos nomear, ou, simplesmente aceitamos sem tempo para pensar muito, sem agenciar os nossos trejeitos, apenas, fugindo do mapa quando na necessidade de “se encontrar”.

Cresci no momento em que o tempo do mundo fez o Tapacurá (rio que corta a cidade) assistir esses (re)encontros, nossas fruições, intenções direcionadas a desemaranhar esse caos neocolonial. Na minha terra não teve Maracatu enraizado, ciranda ou roda de coco, até onde foi o meu conhecimento, apesar de ser a terra natal de Selma do Coco (a quem eu reverencio de todo coração). Mas o que gera de poesia, teatro, cinema, performance... Eu não conseguiria enumerar nesse único texto.

Quando me graduei morei em Nazaré da Mata, terra do Maracatu rural, onde toda sorte de



gente de cor se reúne por dentro dos canaviais, nos terreiros baldios, pra sambar a noite inteira, assistindo os rimadores improvisarem poesias que nunca são escritas em canto nenhum. Por quatro anos, nunca participei de um encontro assim. E me limitei ao centro da cidade, as ruas de asfalto, o comércio, as festas organizadas pela prefeitura, o museu da Igreja que se mistura com elementos do maracatu, ou, o próprio Museu do maracatu, mantido pela organização da própria comunidade. Lá podemos observar as influências múltiplas do maracatu: o próprio desfile é uma alegoria das festas religiosas comuns ao Brasil Colônia. Satiriza-se a presença do rei e da rainha, ficções europeias de hierarquias hereditárias, tem o caboclo de lança, tem o caboclo de pena, deixados, obviamente, pelos guerreiros indígenas. E tem Kalunga, lembranças dos povos africanos.

O carnaval com suas festas de rua, em qualquer lugar de Pernambuco, são locais de encontro, relações, emaranhados de encruzadas, numa política legitimada pelo Estado-nação no seu intento de embranquecer, miscigenar, para esquecer, para construir um “povo brasileiro” dócil e sem memórias. Mas, ao mesmo tempo, se costuraram novas memórias. Memórias radicais de vadiagens, brincantes, controversos! Que vão possibilitando a vida de continuar e Madames Satãs de acontecerem⁹.

Por não escapar ao ofício de *historiador* o processo de criação imaginativa, ou, por ser a minha mente fértil demais, tendo crescido em uma terra de *muites* artistas, o caminho da pesquisa foi um eixo encruzado que me fez retornar para mim. Olhar pra trás e enxergar ARTE nessas artesanias, nesses processos de mundo, de rua, onde a arte simplesmente acontece! Torna-se redundante pensar em teoria e prática quando tudo o que você tem é o que você é.

Mas estamos agora em um momento crítico do mundo global. Onde negociar quem você é, é parte do jogo para possibilitar/legitimar/autorizar que você seja. Estamos na boca do demônio *neocolonial* onde ele nos cobra que a gente assuma: que a gente assuma os papéis que o próprio Estado perpetua nesses processos de racialização, implicados nos deslocamentos, nos folguedos, nas parentalidades, na sobrevivência... Nos emaranhamentos. E agora exigem que a gente se desemaranhe...

Em contrapartida, queremos exigir que o “Estado-nação” e todas as instâncias que cumprem sua manutenção assumam a sua cor branca, suas sinhas, seus capatazes, seus teatros discursivos. Ou, o mais difícil, assumam que se trata de ir ao topo... solidificando a base, a pobreza, o genocídio. Trata-se de assumir o projeto neocolonial e o conformismo. Trata-se de abandonar a revolta.

Quem vai peitar quem?



- 1 A ideia de matrilinearidade vem a partir de algumas filosofias africanas.
- 2 Com isso não estou implicando uma transmissão consciencial, mas apenas cromossômica/genética – não estou debatendo consciência e genética (ainda).
- 3 Agora sim estou implicando a transmissão consciencial em biológica a partir dos fundamentos filosóficos do candomblé afro-brasileiro.
- 4 Geni Nunez é uma referência para o conceito de artesanaria.
- 5 Me baseio em noções de Denise Ferreira da Silva e Castiel Vitorino sobre a propriedade elementar dos minerais e outros recursos primários da natureza.
- 6 Personagem criado pela Octavia Butler em sua ficção *Parábolas do Semeador*.
- 7 Minha dissertação é uma análise de algumas de suas obras pictóricas que buscaram construir uma representação feminina.
- 8 Em 2023, quando escrevi o ensaio (mês de setembro).
- 9 Faço menção ao fato de que João Francisco (conhecido depois como Madame Satã) nasceu e foi criado pequeno na cidade de Glória do Goitá, na Mata Norte, onde vários festejos populares são comuns (Maracatu, Cavalo Marinho...) e, no início do século XX (tempo que ele era criança), era distrito de Vitória de Santo Antão, que já contava com um popular carnaval de rua.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Tradução: Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A bolha editora, 2021.
- BUTLER, Octavia E. *A Parábola do Semeador: semente da terra*. Vol. 1. Tradução: Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.
- GLISSANT, Édouard. A barca aberta. *In: POÉTICA DA RELAÇÃO*. Sextante editora, 2011, 17 – 30 (Págs.). Tradução: Manuel Mendonça. P
- AEZO, Sylvan. *Memórias de Madame Satã* (conforme narração de Sylvan Paezo). 1 ed. Editora Lidador, 1972.
- VANDANA, Shiva. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Tradução: Daniele de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

Links

Para a ideia de “Luz Negra” a partir da filósofa e artista Denise Ferreira da Silva, consultar a série de vídeos

CENTRO MARIANTONIA DA USP. *Para a ideia de “Luz Negra” a partir da filósofa e artista Denise Ferreira da Silva, consultar a série de vídeos “Curso Luz Negra”, disponibilizado pelo Centro Universitário Maria Antonia.2020 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=47X_7XJnOU Acesso em: 30 out. 2025 04 de outubro de 2023.*

Para conhecer a obra especulativa de Úrsula K. Le Guin, consultar seu acervo digital.



LE GUIN, Ursula K. *Notícias e acontecimentos*, 2025. Disponível em: <https://www.ursulakleguin.com/> Acesso em: 30 out. 2025 Acessado dia 04 de outubro de 2023.

Para ler a minha tese

Maívy da Silva. *Corpo pintado: análise do feminino no imaginário de Francisco Brennand (1990- 2005)*. Tese (dissertação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/e?type=author&value=SANTIAGO%2C+Tain%C3%A1+Ma%C3%ADvys+da+Silva> Acessado dia 04 de outubro de 2023. Acesso em: 30 out. 2025

